

BLUMENAU

em Cadernos


FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU
25 ANOS

TOMO XXXVIII
JULHO DE
1997 - No. 7

BLUMENAU
EM CADERNOS

20 ANOS

1957 - 1997

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Bráulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Gilberto da Silva Santos
Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Fritz Müller - homenagem referente
ao centenário de falecimento: 1897 - 1997

A imagem de fundo retrata
Blumenau em 1889.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos
Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

Arquitetura, Cultura, Identidade Local <i>Vilmar Vidor</i>	07
Abrasileiramento alemão nos campos de Lages <i>Juçara de Souza Castello Branco</i>	15
A Barra do Rio Dollmann dá lugar a uma barragem que promete segurança ao Vale do Itajaí <i>Nilson Cesar Fraga</i>	23
A Palavra do Presidente Getúlio Vargas em Blumenau - 1940	31
O Maestro Geyer <i>Bráulio Maria Schloegel</i>	35
Érico, o historiador / Mulheres em Ação <i>Enéas Athanázio</i>	37
Documentos Originais - <i>O Ensino Escolar em Santa Catarina</i>	41
Karl Fouquet - Blumenauense na Bibliografia Brasileira <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	52

História & Historiografia

Arquitetura, Cultura, Identidade Local

Texto:

*VILMAR VIDOR **



A cultura de âmbito regional tem sido tema, nestas duas últimas décadas, de importantes debates, onde têm se concluído sobre a gênese e a memória da produção mais substancial da sociedade. É interessante e correto constatar que as grandes tematizações da produção humana, sobretudo nas artes e na tecnologia não têm mais razão na amplitude da universalização. O que a sociedade produz, ou se quisermos centrar o tema somente no indivíduo, tem sempre uma base, ou local geográfico, repleto de condicionantes que viabilizam ou não a produção concreta, materializada ou em desenvolvimento.

O cerne da criação artística ou tecnológica é sem dúvida, o indivíduo; mas ele, salvo muito raramente, produz e finaliza sua idéia inteiramente sozinho. O indivíduo se substancia de uma quantidade de informações que podem ter origens diversas, e geralmente é assim, e procura finalizar sua idéia, materializar seu imaginário se assim o for necessário, no contexto onde socialmente está inserido. Pelo menos o primeiro período de formação da idéia terá seu espaço limitado, posteriormente, com o desenvolvimento de seu produto, o espaço de atuação poderá ser ampliado. Queremos com este argumento, firmar a idéia de que o desenvolvimento da arquitetura acontece a nível local num primeiro momento.

O desenvolvimento da técnica enxaimel aconteceu no sul do Brasil, por indivíduos europeus que trouxeram consigo, arquivado em suas memórias, conhecimentos produzidos no cotidia-

* Professor Doutor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da FURB.

no, nos respectivos lugares de origem. O enxaimel não é uma criação alemã, assim como as construções ecléticas não são germânicas, nem açorianas, mas têm sua base nestes lugares. De base açoriana ou germânica engendra-se localmente outras formas e funções na construção e no cotidiano da arquitetura local/regional

O enxaimel trazido pelos imigrantes alemães no fim do século XIX, remonta ao período renascentista, desenvolvido em alguns lugares da Europa, e no caso da Alemanha, entre os séculos XVI e XVIII, já considerado fora de época. Entretanto esta técnica construtiva conhecida dos etruscos no século VI a . C. pode ter tido seu início talvez, alguns séculos antes. Trata-se de uma técnica bastante simples.



Casa edificada no ano de 1864
Antiga residência do Cônsul Victor Gaertner
Atual sede do Museu da Família Colonial de Blumenau
Alameda Duque de Caxias, 78 - Blumenau

O “Frachwerk” alemão consistia de uma construção quadrada ou retangular cuja fundação de madeira tinha mais ou menos 10 metros de

profundidade dependendo da composição do solo. O corpo da construção, cubo ou prisma tem nas suas arestas, pilares de madeira, encaixados nos vértices. A cobertura em triângulo isósceles com travejamento simples, porém encontram-se inúmeros arranjos de tesouras. A cobertura em alguns casos com ramos vegetais, muito comumente com placas de madeira, posteriormente com telhas planas de argila ou ardósia. A estrutura da construção é autoportante e com isso as paredes de vedação podiam ser de filetes de bambu ou similar preenchidos com argila, ou ainda com tijolos sobrepostos no sentido longitudinal dos barrotes do piso. As aberturas distribuídas simetricamente nos lados do cubo ou prisma. Na Alemanha e em outros lugares da Europa estes prédios dificilmente ultrapassavam seis pavimentos.

O desenvolvimento desta técnica no meio urbano, mais precisamente nos séculos XXVII e XVIII, apresenta em muitos casos, requintes artesanais como madeiramento esculpido, floreiras trabalhadas e um cem número de adereços que se confundem e mutilam às vezes a estrutura original. Geralmente os painéis de vedação são pintados de branco e a madeira da estrutura de cor preta ou marrom. Ainda hoje, encontram-se na Europa, centros urbanos ou bairros inteiramente construídos nesta técnica. Como toda produção importante tem início, apogeu e fim, hoje não mais se constrói sobre esta técnica.

No Brasil, especialmente no Vale do Itajaí em Santa Catarina e no Vale dos Sinos no Rio Grande do Sul, a reprodução do "Fachwerk" dito aqui enxaimel, teve continuidade, porém limitada e modificada pelos condicionantes locais. Em decorrência do clima sub-tropical não era necessária a inclinação superior a 45° dos planos da cobertura, mas tornou-se necessária a construção de uma varanda, característica das construções nos lugares de clima quente úmido.

A capacidade inerente de adaptação do homem fez com que a técnica originalmente criada se transformasse em alguns pontos para melhorar a utilização. As fundações anteriormente de madeira, mas já na Europa trocadas pela pedra aqui se desenvolveram e, além da pedra na maioria dos casos, o pavimento térreo de tijolos e os barrotes-baldrame

apoiados sobre pilares igualmente de tijolos: o enxaimel construído no primeiro pavimento com varanda frontal.

Os exemplares mais antigos mostram a estrutura travejada com encaixes e, no lugar de pregos de metal, usam-se pregos maiores de madeira. As paredes de vedação com tijolos de argila ficam aparentes, e são inúmeros os exemplares cobertos com reboco ou pintura. Construções com mais de três pavimentos, são praticamente inexistentes. As aberturas, portas e janelas, em duas folhas de madeira, as mais recentes com a posterior esquadria de vidros, também com duas folhas. Na maioria das vezes pinturas cujas cores dominantes são vermelho nos caixilhos e verde nos planos maiores, às vezes inteiramente brancos, em alguns casos as folhas maiores com pinturas externas de guirlandas de pequenas flores.

A planta das casas rurais é dividida em dois ambientes, às vezes três, onde as duas peças da frente são para sala e quarto, a do fundo, ao longo do eixo horizontal, para cozinha. Plantas com quatro ambientes são muito comuns e, além destes padrões não se encontram muitos outros. As casas comerciais reservam o plano da frente para o comércio e o dos fundos para moradia, são comumente maiores e se desenvolvem no sentido paralelo à rua.

Não é comum, mas encontram-se exemplares com o sótão sobrelevado com meio pé direito para maior aproveitamento. Não servem para moradia mas para depósito de cereais. Em função da insolação, alguns abrem lucarnas, mas não é largamente usado. Na área rural dos municípios de Timbó e Pomerode encontram-se varandas em toda a extensão frontal da casa, com parapeitos vazados de tijolos e pilares redondos também com tijolos.

No início deste século poucos edifícios tiveram planta e volume mais desenvolvidos, incluindo torres para relógio com as estações ferroviárias de Blumenau e Joinville, a primeira já demolida. Casas urbanas mais sofisticadas não inteiramente na estrutura enxaimel, mas tirando partido da técnica em sincretismo com outras e adição de varandas e avanços, resultando em salas maiores e portanto de coberturas mais complexas. Estes exemplares restam apenas na memória ou fragmentos de fotografias. Também não foram muitos.



Construção da Estação Ferroviária de Blumenau - 1908
Neste local está edificada a atual sede da Prefeitura Municipal

Retomando o início da exposição, é oportuno lembrar que o processo de reprodução da arte e da técnica acompanha o homem, modifica-se e adapta-se às condições locais, e quando representativo, permanece como testemunha de sua contribuição numa temporalidade determinada.

O enxaimel do Vale do Itajaí não é inteiramente original, mas se reveste de importância pela sua transmutação, adaptabilidade e forte significado de um período onde procurou-se sedimentar um novo modo de vida, o evento de um processo cultural em gestação. A metamorfose cultural se materializa através da memória em forma arquitetônica cristalizada. O importante não é o ato, a originalidade intrínseca da tecnologia, ou no caso da arquitetura, mas da reinvenção de um processo cultural para justificar a cidadania nova.

Dividindo lugar com o enxaimel, outros edifícios foram construídos, a maioria residências, onde a essência do projeto é originária da

Europa. Adaptando-se às condições locais, existe uma variedade tipológica dificilmente classificável, mas que, numa primeira análise identificam um outro modo de vida, diferente daquele que se desenvolveu no litoral, em Florianópolis ou Itajaí, por exemplo.

Embora a evolução dos projetos, finalizados num amálgama de vários desenhos, por vezes assinados por arquitetos europeus de passagem, muitas vezes cópias de revistas européias, extensamente divulgadas na região na primeira metade deste século, eles apresentam algumas características comuns: casas de alvenaria, colégios, clubes ou edificações de escritórios; as primeiras com telhado de cumeeira única e quatro planos, duas para cada lado com inclinações diferentes. A primeira, partindo da cumeeira com inclinação menor de 45 ° e a segunda, a que repousa sobre as paredes, com inclinação superior a 45 °.

Varanda em um ângulo frontal da casa, ou seja, desenvolvimento em C ou L com parapeito de alvenaria e pilares revestidos com reboco. As janelas se desenvolvem no sentido vertical, portanto tornando as elevações frontais mais elegantes. Bastante utilizado, o lanternim para ventilação do sótão que era colocado no centro do telhado, no encontro das quatro cumeeiras, ou no meio dos planos triangulares, como pequenas lucarnas de venezianas fixas.

Existe ainda, um único exemplar, talvez no Brasil, cuja elevação principal para a Rua XV de Novembro em Blumenau, é decorada com peças de madeira, a exemplo do que existe na Baviera. Parapeito da sacada em madeira trabalhada, assim como o acabamento do beiral e o fecho do frontão de cumeeira. É um exemplar expressivo, motivo de orgulho da população e sem nenhuma proteção oficial, assim como qualquer outro edifício ou conjuntos edificados de representatividade cultural. Ainda um outro exemplar de importância é uma residência construída inteiramente de madeira, à rua Itajaí: a estrutura travejada com encaixes sem pregos, com varanda e lucarnas adornadas com peças artesanais de madeira.

No cruzamento de etnias, surgem as construções de base rural italiana, dificilmente distinguíveis porque ora muito simples, ora mescladas com a arquitetura de base açoriana. Este importante conjunto, cuja

maioria das construções serve para residência, não foi ainda, objeto de estudo detalhado.

O arquiteto Simon Gramlich, de passagem pelo Vale do Itajaí na década de 40, projetou três igrejas com elementos neo-góticos com as rosáceas frontais, torres em flecha, pé-direito superior a 10 metros e nave central com grande vão. Embora sem originalidade arquitetônica elas se constituem em marcos históricos e referências na paisagem das cidades de Itajaí, Gaspar e Rio do Sul.

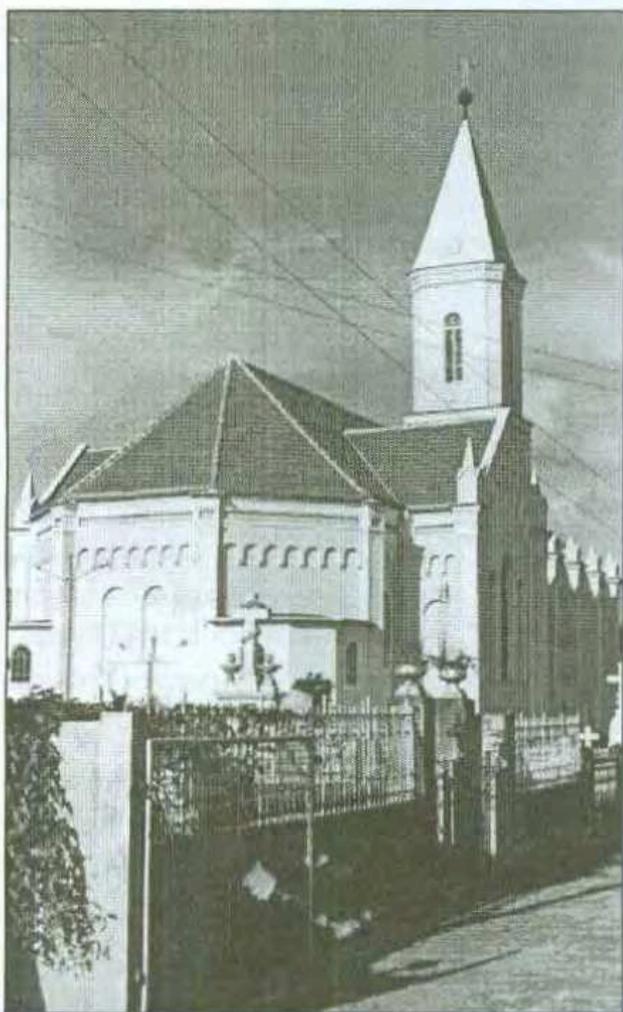
A igreja também neo-gótica, de autoria do arquiteto Heinrich Krohberger, de planta eneagonal, concluída em 23.09.1877, da Comunidade Evangélica de Blumenau, marca o espaço com trabalhos artesanais de alvenaria no exterior, com acabamentos em metal e um interior simples, mas que merece registro: o órgão e mezanino trabalhados artesanalmente em madeira, assim como o púlpito. Ao lado da igreja, na pequena colina, o cemitério com túmulos antigos e espacialmente bem organizado.

Em toda região do Vale encontram-se pequenas capelas de alvenaria ou madeira, de arquitetura muito simples, mas que constituem-se igualmente em marcos referenciais no seu espaço de influência. Esta arquitetura de caráter religioso, ainda está sem estudo tipológico ou temático. Na década de 70 deste século, a Prefeitura de Blumenau, em ato oficial instituiu legislação de incentivo à preservação da arquitetura "típica" e que hoje dispõe de duas leis; uma que isenta o IPTU pela conservação de imóvel antigo, outra que beneficia as construções recentes em estilo enxaimel e tipo chalé suíço.

Esta última lei deu origem a desastrosas construções de apelação inteiramente fachadista, sem nenhum mérito arquitetônico, embora sirva de fundo para fotos turísticas, sem nenhum conteúdo arquitetônico, muito menos resultado de um esforço cultural para possíveis releituras, ou desenvolvimento moderno do enxaimel.

A produção contemporânea por sua vez, naquilo que se refere ao moderno, parece quase que inteiramente pela falta de originalidade. Pouquíssimos exemplares, acompanhando ao pé da letra alguns bons exem-

plos publicados nas revistas especializadas, alguns influenciados pelo advento da arquitetura brasileira de Niemayer. A grande massa construída nos últimos trinta anos compõe-se de reproduções cotidianas muito simples onde o arquiteto raramente se faz presente. A recente instalação do curso de Arquitetura e Urbanismo na região - em Blumenau - talvez faça mudar o quadro precário, e que, mesmo assim, reflete um período onde a história possivelmente registrará como de lapso temporal de baixa produtividade regional.



Igreja Evangélica de Blumenau
Construção Neo-Gótica, projetada por Heinrich Krohberger

**Pesquisas
&
Pesquisadores**

**Abrasil
europeu
alemão nos
campos
de Lages**

Texto:

JUÇARA DE
SOUZA CASTELLO
BRANCO *



Falar sobre a presença de alemães em Lages causa espanto a muitos. De fato, esta região não apresenta colônias alemãs nos moldes tradicionais, como outras amplamente conhecidas em nosso Estado. Porém, a cultura alemã fincou raízes na região, contribuindo com particularidades que também fazem parte da memória lageana.

Colonos italianos, alemães e seus descendentes chegaram à área rural de Lages entre o fim do século passado e o início deste. Eles procediam de antigas colônias e foram atraídos para as margens do Rio Canoas e seus afluentes, como se verifica no relatório de 1917 do engenheiro Constançio Krummel, Agente do Comissariado Geral, em Lages:

*“Tendo-me chegado inúmeros pedidos de informações a respeito de terras devolutas, e sendo os correspondentes filhos de colonos que residem nas velhas colônias de Therezopolis, Capivary, S. Isabel, Angelina e outros lugares, onde as terras além de já cansadas, ainda se acham de tal modo subdivididas, que a prole dos colonos velhos, excelentes agricultores, não encontra mais os meios de estabelecer.” ***

Segundo Lourival Câmara “acham-se os germânicos todavia, espalhados por quase todo o

* Juçara de Souza Castello Branco, acadêmica do Curso de História da UFSC e bolsista do PIBIC/CNPq

** Relatório de 1917, apresentado pelo Engenheiro Constançio A. Krummel, Agente do IV Distrito do Comissariado Geral do Estado, em Lages para a Diretoria de Viação, Terras e Obras Públicas, Coleção do Arquivo Público de Santa Catarina. Código: 4ºDist. C.G. Lages r.1917 2-30-1

Estado"¹ sendo que no município Lages os germânicos se encontravam no distrito de Cerro Negro.² Ele indica a presença de núcleos de colonização afirmando:

*"Em Santa Catarina se constatam, salvante nucléolos esporádicos, discrepância mínima, três zonas antropogeográficas: a de beira oceânica, a da colonização propriamente dita (compreendendo vale dos principais rios) e a dos campos (abrangendo a região fisiográfica serrana do centro). Cada qual com sua norma, seus indivíduos específicos: o praiano, o colono, o serrano".*³

Lourival Câmara especifica quem é o colono e sinaliza para o processo de transmigração, que percebemos em Lages:

*"(...) o colono, o descendente do elemento germano, ou eslavo, ou atlantomediterrâneo, que demandou o Estado em emigração permanente, localizando-se preferentemente a montante e a jusante dos rios Itajaí e Tubarão, disseminando-se mais tarde planalto acima, na conquista de perpendicularidade".*⁴

Na avaliação de Victor Peluso Júnior, no momento que estes colonos deslocam-se em direção ao planalto, percebe-se uma contribuição singular nas características populacionais e sociais da cidade de Lages:

"A segunda fase da colonização do planalto lhe trouxe o desenvolvimento agrícola, limitado ainda às zonas cujas comunicações originadas das fazendas pastoris vivem lado a lado das que provêm das colônias. Desapareceu a ilha humana em que nasceu e cresceu a cidade de Lages. É nesse momento de transição, no qual desapareceram as velhas

¹ CÂMARA, Lourival. Separata da Revista de "Imigração e Colonização", p. 23

² Ibidem, p. 23

³ Ibidem, p. 11

⁴ Ibidem, p. 13

barreiras e não se vê delineado com clareza o futuro, que vamos encontrar a cidade que envolveu a pequena póvoa de Correia Pinto".⁵

Lages começa a viver a segunda fase de sua colonização na metade do século XIX, quando um pequeno grupo de alemães chega à região. *Lourenz Walterich*⁶ foi um dos primeiros colonos alemães em Lages. Ele saiu da Alemanha em 14 de novembro de 1828, com um grupo de alemães no brigue "Marquês de Viana". Chegou em São Pedro de Alcântara acompanhado de um parente, *Sebastião Walterich*, em 25 de setembro de 1829. O local não demorou para apresentar-se apertado e impróprio para o cultivo. Assim, teve início um novo processo de migração, que acreditamos durar até hoje. *Lourenz Walterich* participou deste processo de transmigração, saindo de São Pedro de Alcântara e adquirindo terras em Lages, na década de 1850, como verificamos na documentação de Registro de Vigários de Lages⁷. No ano 1856 *Antônio Walterich*⁸ adquiriu as terras de *Lourenz Walterich* por herança, dando origem a uma grande família lageana. Esta família sofreu um abasileiramento de seu nome e passou a ser conhecida como *Waltrick*.

Nestes mesmos livros de Registros de Vigários encontram-se os seguintes nomes de ascendência germânica: *Jacob Thibez*, [?]orm *Göbform* e *Jorge Schumacher*, possivelmente este último seja descendente de *Pedro Schumacher*, carpinteiro, que chegou solteiro da Alemanha e também dirigiu-se para São Pedro de Alcântara, em 1829⁹.

Através dos documentos de Solicitadores de Títulos de Concessão de Terras do Estado de Santa Catarina, verificamos nomes de origem alemã adquirindo terras em localidades pertencentes ao município de

⁵ PELUSO JÚNIO, Victor Antônio. *Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina*. p. 55

⁶ REITZ, Raulino. *Frutos da Imigração*. p.205

⁷ Registro de Vigários, Livro 1, Ano 1850-57, p. 37 e 38 e Livro 5, Ano 1854-56, p. 179 e 181

⁸ Registro de Vigários, Livro 1, Ano 1850-57, p. 77 e 78

⁹ REITZ. Op. Cit. p. 204

Pesquisas & Pesquisadores

Lages, nos seguintes anos:

<i>Bernardo Assinke</i>	Rio Bonito	1922
<i>Miguel Francisco Driesen</i>	Rio Canoas	1921
<i>Carlos Einecke</i>	Fazenda dos Cardoso	1924
<i>Manoel Siebert Calistro</i>	Fazenda dos Cardoso	1924
<i>Pedro Werner</i>	Fazenda dos Cardoso	1924
<i>Antônio Ricken de Amorin</i>	Serra do Canoas	1881
<i>Christiano Schlickting</i>	Serra da Barroca	1922
<i>Fritz Gofferje</i>	Serra da Barroca	1920
<i>Adolfo Konder</i>	Invernadinha da Caneleira	1923
<i>Bernardo Hemkemeyer</i>	Fazenda do Figueiredo	1923
	Faxinal do Pessegueiro	1923
<i>Germano Hemkemeyer</i>	Faxinal do Figueiredo	1923
<i>Humberto Kauling</i>	Fazenda do Figueiredo	1923
<i>Jacob Wiggers</i>	Fazenda do Figueiredo	1923
<i>Jorge Schlemm Sobrinho</i>	Fazenda do Figueiredo	1922
<i>Mathilde Schlemm</i>	Fazenda do Figueiredo	1922
<i>Miguel Tertsckitsch</i>	Fazenda do Figueiredo	1922
<i>Victor Conde de Westerp</i>	Fazenda do Figueiredo	1922
<i>Antônio Gaspar Schlickting</i>	Fazenda Sto. Antônio do Caveiras	1923
<i>Arbues Gaspar Schlickting</i>	Fazenda Sto. Antônio do Caveiras	1923
<i>Alfredo Bernardo Schlichting</i>	Matador	1922
	Ponte do Rio Matador	1921
	Faxinal da Água Branca	1921
<i>Hugo Groettner</i>	Rio Matador	1920
<i>Bernardo Böell</i>	Bom Retiro	1919
<i>Carlos Mayer</i>	Bom Retiro	1919
<i>Eugênio Dahne</i>	Campos Novos do Sul	1920
	Barreirinho	1920
	Furua	1920
<i>Emílio Huntze</i>	Mato dos Índios	1922
<i>Leopoldo Knoblauch</i>	Alto Serra do Ilhéu	1923
<i>Augusto Schmam</i>	Faxinal do Pessegueiro	1923
<i>Cristiano Likmam</i>	Faxinal do Pessegueiro	1923

<i>Henrique Wiggers</i>	Faxinal do Pessegueiro	1923
	Faxinal do Tanque	1920
<i>Oliverio Ribeiro Lippermann</i>	Lambedor	1929
<i>Jorge Schulmacker</i>	Macacos	1865
<i>Manoel Werlich</i>	Cortume Velho	1921
<i>Walter Hoschl</i>	Posse dos Albanos	1926
<i>Carlos Meyer</i>	Rio de Traz	1920
<i>Nicolau Antônio Ketzer</i>	Riosinho	1923
<i>Antônio Hemkemeyer</i>	Rio Gabiroba	1921 ¹⁰

A situação da compra de terras em Lages no começo do século era confusa, em função das grandes áreas de terras devolutas e terras públicas; dos grandes números de posse e usucapião. Muitas pessoas não tinham documentação de suas propriedades e outras estavam legitimando a posse de antigos terrenos, o que dificulta um levantamento preciso de dados. De qualquer forma, Lages acolheu em suas pradarias um pequeno núcleo colonial, que talvez por ser pequeno ficou quase esquecido no tempo. Estes núcleos desenvolveram alguns fenômenos reveladores de assimilação e abasileiramento dentro do processo migratório catarinense.

Mas, por que inúmeros núcleos coloniais germânicos catarinenses mantiveram suas tradições, e Lages apresentou quase que uma completa diluição da cultura germânica? Os dados levantados até o momento, para este trabalho que está em andamento, indicam que houve uma desarticulação da cultura germânica. As famílias de origem alemã encontravam-se em pequeno número, no meio de grandes áreas de terra. A cada ano, o contato com o modo de vida caboclo aumentava, à medida que lentamente era absorvido. Antagônica, a disseminação desta cultura se deu através dos casamentos inter-étnicos, onde práticas de organização, limpeza e culinária entre outros foram passadas geração após geração, misturando-se com outras práticas caboclas.

Este quadro deu, aos núcleos coloniais de Lages, características que não os identificam com uma imagem de prosperidade, que temos dos

¹⁰ Índice de Solicitadores de Títulos de Concessão de Terras do Estado de Santa Catarina, referente a cidade de Lages. Coleção do Arquivo Público de Santa Catarina

locais de presença germânica. Cristina Scheibe Wolff alerta para este tema: as colônias que não se transformaram em pólos de progresso.

*“Nunca se fala das colônias que ‘não deram certo’, as que se dispersaram ou não se transformaram em centros industriais. Justamente um estudo comparativo de várias colônias alemãs no Brasil poderia ser caminho para entendermos estes ‘mitos de progresso’”.*¹¹



Vista Parcial da Cidade de Lages - Década de 1920

Diante disso, acredita-se que alguns aspectos geográficos contribuíram para o diferente andamento destas colônias. Os camponeses alemães, na Alemanha, à noite voltavam do campo para as suas casas, localizadas em pequenas aldeias, onde a porta de um dava de frente para a porta do outro. A vida em comunidade tinha um valor significativamente forte. Quando vieram para o Brasil, estes colonos foram alojados em colônias, em lotes nos quais iriam morar e plantar para a sua subsistência. O aspecto de aldeia desapareceu nas colônias, caracterizadas por lotes de terras onde o colono plantava e simultaneamente morava com sua família. Quando começaram buscar novas terras, os lotes dispostos ao longo dos rios eram preferidos em função da fertilidade do solo; no entanto,

¹¹ WOLFF, Cristina Scheibe. As mulheres da colônia Blumenau - Cotidiano e Trabalho (1850-1900). p.117

esta disposição espacial prejudicava as relações sociais. Cada colono procurava manter um bom relacionamento com seu vizinho de divisa, que geralmente restringia-se a três ou quatro famílias, que moravam no mínimo a dois quilômetros de sua casa. O convívio social destas famílias passava a restringir-se ao contato esporádico das missas e cultos, como informa o senhor Evaldo Hemkemeyer:

*“As famílias moravam em propriedades distantes umas das outras, sendo que a Igreja era um importante ponto de encontro entre as famílias. Os padres celebravam missas a cada dois meses, mais ou menos...”*¹²

Outro aspecto a ser observado refere-se às diferenças culturais existentes entre os alemães emigrados. Eles eram de diferentes regiões da Alemanha, falavam diferentes dialetos, com diferentes hábitos, e níveis culturais distintos. Alguns eram católicos, outros protestantes, alguns eram intelectuais originários de centros urbanos, outros camponeses. Conseqüentemente existiam dificuldades de entendimento entre eles próprios, tema que pretendemos aprofundar futuramente:

Se por um lado verificamos que as tradições germânicas não se mantiveram coesas, por outro arriscamos dizer que na essência pouca coisa mudou.

*“Assim, o horizonte cultural do alemão rústico como de qualquer outro, permanece acanhadíssimo, contando apenas com as poucas experiências que se lhe depararam no seu meio limitado. E este quase sempre coincidia com o meio ou local nativo. Tal estado de coisas conduzia a fenômenos mentais e sociais característicos”.*¹³

O homem da cidade, sem dúvida, tem características completamente distintas do homem do campo: enquanto o primeiro está aberto para todas as novidades que chegam, o último “(...) ultrapassa a existên-

¹² Informação de Evaldo Hemkemeyer, concedida a autora em 23 de outubro de 1996

¹³ WILLEMS, Emílio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. p. 35

cia das nações, não precisa da 'civilização', pois ele não nasce nem morre com ela; o camponês é por assim dizer, o 'homem eterno'." 14

Este homem, agora domiciliado nos campos de Lages, sentiu a importância de revigorar a força de trabalho, abrindo lentamente espaço para os casamentos inter-étnicos. A necessidade de braços para a lavoura, de colher os frutos que a terra suadamente oferecia para a subsistência, era mais forte do que a manutenção fechada de uma cultura. Além do mais, estes colonos eram mulheres e homens rústicos, do campo, envolvidos num universo mental não muito diferente do qual seus antepassados saíram. Ou seja, eles se mantiveram à margem do universo urbano, em Lages, exatamente como estiveram na Alemanha. Dentro de uma avaliação do processo, esta miscigenação entre alemães e luso-brasileiros foi um importante fator da diluição da cultura germânica, resultando na incorporação da cultura cabocla.

Como homens do campo, o universo mental do colono estava muito mais voltado ao trabalho rural, para garantir a subsistência, do que à cultura. Possivelmente seus descendentes se empenharam mais em resgatar sua germanidade do que os primeiros colonos. A maior identidade cultural, enquanto comunidade germânica era a língua, à medida que ela deixou de ser praticada, por pressões políticas durante a II Guerra Mundial e a unidade cultural foi se esfacelando. Simultaneamente seus próprios nomes foram abasileirados através dos erros de grafia cometidos nos cartórios, reforçando o processo de assimilação cultural.

Apesar disto, as marcas desta cultura ficaram muito bem sedimentadas na região, como fósseis culturais, gravados na memória das pessoas, mesmo quando elas não sabem onde estão as raízes da sua cultura.

¹⁴ Ibidem, p. 35

A Barra do Rio Dollmann dá lugar a uma Barragem que promete Segurança ao Vale do Itajaí, SC **

Texto:

*Nilson Cesar Fraga**

O NÚCLEO URBANO DA BARRA DO RIO DOLLMANN

Antes de descrever a localidade de Barra do Rio Dollmann faz-se necessária uma leitura espacial da ocupação urbana daquela localidade, antes do início da construção da Barragem Norte, que modificou rapidamente o espaço geográfico e urbano.

O início da colonização nas proximidades do rio Dollmann começou com a demarcação dos primeiros lotes em 1916, a segunda aconteceu em 1921. O Diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, na expedição de 1897, denominou este rio em homenagem ao Cônsul da Alemanha, Carl Paul Dollmann, que era comerciante hamburguês e um dos antigos diretores da Sociedade.

Localizado na confluência dos rios Dollmann e Itajaí do Norte, numa planície aluvial, o núcleo central da Barra do Rio Dollmann era o ponto convergente desta localidade do distrito de José Boiteux, que pertencia ao município de Ibirama. A localidade se estendia por uns cinco quilômetros na direção de José Boiteux, seguindo o curso do rio Itajaí do Norte às margens da estrada

* Pesquisador/Acadêmico formando do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC.

** Parte integrante da pesquisa: "OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA"- Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no Município de José Boiteux/SC (1974-1992) - CNPq.

geral que ligava Ibirama ao distrito de Victor Meirelles.



Barragem Norte - José Boiteux

A região em que se inseria esta localidade era muito bonita, a Mata Atlântica ainda cobria a morraria que circundava o lugar, muitas lavouras de mandioca, milho e fumo, principalmente, se estendiam pelas planícies do Itajaí do Norte e Dollmann. As casas eram na maioria de madeira, sendo outras de alvenaria, sempre bem coloridas. Mostravam a herança trazida pelos imigrantes italianos e alemães, que formavam grande parcela da população do lugar. Os fortes traços étnicos também podiam ser percebidos pelos inúmeros jardins floridos e na gastronomia, que se alternava entre a polenta dos descendentes de italianos e os pratos à base de batatas e carnes de porco dos descendentes de alemães. A fala "enrolada" dos habitantes mais velhos constituía um traço marcante na comunidade. A dicção deles parecia engraçada e ao mesmo tempo estranha, para quem chegava de fora.

Outra etnia que compõe o mosaico cultural da região são os índios da Reserva Duque de Caxias.

*"A população que ocupou a terra catarinense aqui chegou em diversos contingentes, desde o século XVII, proveniente de diferentes áreas. Os primeiros povoadores foram os silvícolas, que restam, apenas, os pequenos grupos 'caingangs' de Ibirama e Xanxerê."*¹

¹ PELUSO, 1991. p. 254.

Os índios que viviam "livres" na região do Dollmann, foram confinados após a famosa Pacificação de 1914, pelo Governo do Estado, na instituída Reserva Indígena de Ibirama, pelo Decreto nº 15, de 03 de abril de 1926.

*"As frentes pioneiras que levaram a efeito a colonização do Vale do Itajaí do Norte enfrentaram, entre outros obstáculos, a presença dos índios Xokleng, que até o início deste século eram ainda um grupo nômade perambulando pela floresta sem contato com brancos - a não ser os contatos bélicos. Em 1914 Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, jovem sertanista a serviço do SPI, logrou atrair a maior parte do grupo ao convívio pacífico - para alívio dos ocupantes brancos que assim consolidaram definitivamente sua presença na região."*²

Não foram poucos os conflitos entre os índios da Reserva Duque de Caxias e os outros habitantes da Barra do Rio Dollmann. Os habitantes mais antigos cultuam até os dias atuais aqueles momentos de tensão. Alguns trazem no corpo marcas de flechadas.

Algumas enchentes eram comuns no núcleo central, que estava instalado na planície aluvial, mas nada muito grave, visto que, as águas das enchentes escoavam rapidamente, propiciadas pelas feições geomorfológicas onde está inserido o Itajaí do Norte que desce rápido na direção do grande coletor, o rio Itajaí-Açú. A declividade do terreno não permite grandes enchentes na bacia do Itajaí do Norte.

No ano de 1947, a área da Reserva Indígena passou a ser ocupada pelo Grupo Cafuzo, que mesmo isolado na reserva, mantinha uma convivência estreita com os Xokleng³. Segundo MARTINS (1991), o isolamento foi sentido também na miscigenação. Este grupo é formado por remanescentes da Guerra do Contestado e ocupam ainda uma área na reserva indígena.

"De todos os grupos, apenas os Cafuzos e os Guarani possuíam

² MARTINS, 1991. p. 98.

³ A área da Reserva Indígena Duque de Caxias continua sendo ocupada pelos índios Xokleng, Guaranis e pelos Cafuzos até os dias atuais.

*status de 'gente de fora'. Embora as condições gerais dos dois grupos fossem semelhantes, os Guaranis se destacavam por serem índios e terem em determinados momentos reconhecidos direitos ou privilégios que sempre foram negados aos Cafuzos."*⁴

Precisamos destacar, que o Grupo Cafuzo, foi durante muitos anos explorado e até escravizado pelos índios da reserva. Buscando garantir-lhes a cidadania, um grupo da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, vem acompanhando o restabelecimento desta comunidade no sentido de encontrar através da agricultura, principalmente a erva mate, uma maneira de subsistência para aquela população.

Os Guaranis ocuparam a região a partir do início da década de cinquenta, mais precisamente na margem esquerda do rio do Toldo e do rio Itajaí do Norte.

Esses grupos, índios e cafuzos, estão assentados na margem esquerda do rio Itajaí do Norte, poucos quilômetros à montante da Barra do Rio Dollmann, na áreas dos rios Plate e Toldo.

Em 1979, os terrenos e benfeitorias da reserva indígena que estavam na várzea e outras áreas ribeirinhas sofrem a primeira inundação decorrente das modificações no escoamento do rio Itajaí do Norte em virtude das obras da barragem. Este problema se repetiu por várias vezes, até a mudança da sede da reserva para uma área de quota alta.

O relevo nesta área é bem acidentado, os rios apresentam fortes corredeiras, apresentando áreas com formação de "cuestas". O clima é mesotérmico, ficando a temperatura entre 16° e 18° C de média anual, a amplitude térmica é acentuada, representada por um clima subtropical úmido sem estação seca, com verões quentes, na classificação de KÖPPEN. A vegetação é abundante, 'ou era', classificada como mata latifoliada tropical úmida de encosta. As altitudes variam de 400 a 500 metros em média na área da reserva.

"Em agosto de 1978, a comunidade do Posto Indígena sofreu a primeira grande inundação provocada pela construção da barragem em Barra Dollmann. Esse desastre foi provocado basicamente pelo entupimento das entradas dos túneis de saída d'água. Esse entupimento an-

⁴ MARTINS, 1991. p. 100.

*tecipou a formação do lago de retenção, inundando as roças e residências na Reserva. Este lago atingiu aproximadamente 11 (onze) km lineares, provocando enormes perdas nas casa e benfeitorias situadas nas várzeas mais baixas e estendendo-se até a residência de Expedito, tantos quilômetros acima da Sede do Posto."*⁵

A pequena vila da Barra do Rio Dollmann, era constituída de um núcleo central, onde se instalava o pequeno comércio, a Escola Básica Professor João Bonelli, dois pequenos hotéis que serviam o lugar, um com armazém anexo, que funcionava também de "rodoviária" e outro na direção de José Boiteux com bar de diversão. Uma belíssima igreja católica⁶ servia a comunidade. Junto à mesma, um grande prédio de madeira pintado de azul, que era utilizado como salão de festas, um cemitério com túmulos ricos em esculturas e bem cuidado pela comunidade. Havia ainda um campo de futebol onde os habitantes se reuniam com seus times nos finais de semana, em partidas contra equipes de outras localidades do município de Ibirama, tais como: Barra da Prata, Victor Meirelles, Roncador, Serra da Abelha, Deneke, Barra da Anta, Ribeirão Griesembarch e José Boiteux, faziam a diversão daquelas comunidades aos domingos.

Na localidade encontrava-se ainda, uma atafona de fubá de milho, uma manufatura de produtos suínos, um alambique de aguardente, uma manufatura de couro, um matadouro de gado, uma ferraria, uma fábrica de óleo de sassafras e quatro serrarias. Na década de 80 a indústria madeireira dominava a economia local, com mais de 80 serrarias.

Ao redor da principal serraria da Barra do Rio Dollmann, denominada pela população local de "fita"⁷, se movimentava a vida urbana do lugarejo, uma vez que aos seus trabalhadores era dado o direito de residir em casas que, estrategicamente eram construídas pelos serralheiros, nos arredores da empresa. Eram mais de duas dezena de casas de madeira, todas brancas.

⁵ MULLER, 1985. p. 33.

⁶ Isso porque a maioria dos habitantes pertencia a esta religião, o restante era protestante.

⁷ A denominação 'fita' deve-se pela serraria (serrafita) instalada na parte mais central do lugarejo. É comum esta denominação pelo imigrantes da região.

No núcleo central, não havia calçamento, o que provocava muita lama em épocas de chuvas mais intensas, isso porque, eram muitos os caminhões que circulavam pelo local trazendo toras e levando a madeira beneficiada. Nos períodos de estiagem, a poeira era insuportável. A prefeitura de Ibirama procedia a macadamização das ruas periodicamente, para evitar os buracos nas estradas, tão comuns ainda hoje na região. Muitas vezes as estradas eram revestidas com cascalho, que é mais resistente, porém, representava o corte de muitos pneus, principalmente dos carros menores.

A infra-estrutura de saúde era bastante precária. Existia apenas um dentista, que pelas informações que obtivemos, era "prático". Não havia serviço médico. O posto de saúde mais próximo era o da sede do distrito de José Boiteux, 15 km à jusante da Barra do Rio Dollmann.

Por não existir farmácia, os medicamentos básicos eram vendidos na casa de comércio da família Weidmann, um edifício de dois pavimentos, construído em madeira e pintado de verde, que também vendia roupas, tecidos, aviamentos, produtos alimentícios e açougue anexo. Este tipo de loja é muito comum em comunidades interioranas. Esta localizava-se próximo ao núcleo central.

Mas tudo isso perdeu-se no tempo, da antiga Barra do Rio Dollmann, anterior ao processo de construção da barragem, sobrou apenas a igreja. Primeiro porque a sede da vila encontrava-se na planície de inundação que fica submersa pelo lago da barragem, todas as vezes que a mesma precisa ser fechada para armazenar as águas das enchentes (que acontecem periodicamente no Vale do Itajaí), e conseqüentemente diminuir o nível d'água na cidade de Blumenau, principalmente esta. Além disso, a maioria das propriedades agrícolas foram indenizadas, pois encontravam-se na "área de segurança da barragem". A maior parcela da população da antiga vila foi embora, principalmente os jovens, que buscaram em outros lugares do Vale do Itajaí, novas perspectivas de vida, trabalho e moradia.

Durante os vários anos em que transcorreu o processo de construção da Barragem Norte, milhares de pessoas vindas de todos os cantos do Brasil, passaram pela Barra do Rio Dollmann. Ajudaram a erguer a maior barragem de contenção de enchentes do Brasil e a desmantelar esta

pequena comunidade, que ao longo da sua história, vinha desenvolvendo um modelo econômico e social voltado para a pequena propriedade mercantil, que não existe mais. A Barra do Rio Dollmann, precisou dar lugar ao 'progresso' do Vale do Itajaí em Santa Catarina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DE APOIO:

Atlas de Santa Catarina. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro. 1986.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial.** São Paulo: Ática. 4a ed.1991.

DYNAMIS, Revista Tecno-Científica. Blumenau: Ed.FURB/Ed.UFSC. **(Seminário sobre o PLADE - Plano Global e Integrado de Defesa Contra Enchentes)**, Universidade Regional de Blumenau. Vol. 2, nº 8, Jul/Set.1994.

FRAGA, Nilson Cesar, SANTOS, Maurício Aurélio dos. **"OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA" - Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no município de José Boiteux/SC (1970-1990).** In: IV Jornada de Pesquisa da UDESC, 1995. Anais... Florianópolis: IOESC,1995. p.104.

FRAGA, Nilson Cesar. **"OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA" - Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no município de José Boiteux/SC (1974-1992).** In: 3a Reuniao Especial, Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência/SBPC, 1996. Anais... Florianópolis: EDEME,1996. p. 348.

FRAGA, Nilson Cesar, SANTOS, Maurício Aurélio dos. **"OBRAS POR MAIS DE UMA DÉCADA"- Estudos do Processo de Construção da Barragem Norte no Município de José Boiteux/SC (19741992).** (Pesquisa de iniciação científica: CNPq-UDESC). Florianópolis. Anais: 1a Jornada Acadêmica da UDESC.

1996. p. 246.

FRANK, Beate. SANGUINETO, Lúcia R. ADAMI, Rose M. **Análise do programa de recuperação ambiental da bacia hidrográfica do rio Itajaí-Açú.** In: Christian G. Caubert (org.) O Tribunal das águas: Casos e descasos. Florianópolis: EDUFSC.1994

KLAUS, Richter. **A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização no interior de Joinville e Blumenau.** Florianópolis: UFSC; Blumenau: FURB, 1992. 100 p. 2 ed.

LAGO, Paulo Fernando. **As Enchentes: Impacto das Incertezas.** Florianópolis: EDUFSC. 1988.

LAGO, Paulo Fernando. **Enchentes em Santa Catarina: Quando um Fenômeno vira rotina.** São Paulo: Revista Ciência Hoje. Vol. 8, nº 43. junho de 1988. p. 52-58.

MARTINS, Pedro. **Anjos de Cara Suja: Etnografia da Comunidade Cafuza.** Dissertação de Mestrado (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Ciências Sociais), Orientadora: Dr.a Ilka B. Leite. 1991.

PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. **Aspectos geográficos de Santa Catarina.** Florianópolis: FCC Ed., / Ed. da UFSC, 1991.

ARQUIVOS:

- 1-Arquivo Público do Estado de Santa Catarina
- 2-Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" (Fundação Cultural de Blumenau)
- 3-Arquivo do Extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento
- 4-Arquivo Público da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina
- 5-Acervo Particular de Nilson Cesar Fraga

**A Palavra do
Presidente
Getúlio
Vargas em
Blumenau ***

No dia 10 de março de 1940, a cidade de Blumenau recebeu a visita do Presidente da República, Getúlio Vargas.

Grandes homenagens foram programadas neste dia. Em frente ao Teatro "Carlos Gomes", em um palanque armado, o presidente Vargas, o interventor Dr. Nereu Ramos, o interventor municipal José Ferreira da Silva e demais autoridades, assistiram o desfile do 32º Batalhão de Caçadores, das Escolas, Sociedades Desportivas, Culturais e várias entidades da cidade.

O Presidente da República, impressionado com a multidão que se formou pronunciou um discurso eloqüente que teve grande repercussão no país.

"Não posso deixar de manifestar a minha surpresa e a minha admiração ao penetrar num município como Blumenau, situado no âmago da região colonial e um daqueles a respeito dos quais se dizia que a língua portuguesa era desconhecida e os sentimentos de brasilidade jaziam amortecidos.

Tive exatamente a sensação do contrário. Notei, por toda parte, o entusiasmo espontâneo e luminoso, o sentimento de fraternidade brasileira e de amor à nossa terra, o desejo intenso de viver a nossa vida, como brasileiros. Tal transformação, que a ninguém seria lícito obscurecer, a testemunhei por toda parte, demonstrada quer nos homens adultos e válidos, como nos moços e nas crianças - sobretudo nas crianças que me rodeavam em



* Publicado no Diário Oficial do Estado em 13/03/1940

bandos alacres e que tinham, na profundez dos olhos azuis e nos acenos cheios de carinho, a efusão inequívoca do sentimento que lhes ia n'alma, enquanto suas cabecinhas douradas ao sol pareciam um trigo maduro. Tive a impressão, ao vê-las, de uma geração nova do Brasil, que se erguia.

Este município, um dos menores do Estado, com mil e tantos quilômetros quadrados de superfície, tem mais de 50.000 habitantes, mais de 300 fábricas e uma população operária superior a 12.000 pessoas. Esta capacidade de produção e este desenvolvimento progressista demonstram evidentemente que as correntes emigratórias selecionadas fortalecem a organização nacional, contribuindo com a sua colaboração sadia para o engrandecimento do país. (Palmas).



O Presidente Getúlio Vargas com o Interventor Nereu Ramos e o Ministro da Marinha Alm. Aristides Guilherm.

Há noventa anos passados chegava ao Vale do Itajaí a primeira colônia de povoadores alemães. No vale deserto, no meio de imensas florestas, foram deixados ao abandono. Derrubaram em seguida a floresta, lavraram a terra, lançaram a semente, construíram suas casas, formaram as lavouras e ergueram o edifício de sua prosperidade.

Dir-se-á que custaram muito a assimilar-se à sociedade nacional, a falar a nossa língua. Mas a culpa não foi deles, a culpa foi dos governos que os deixaram isolados na mata, em grandes núcleos, sem comunicações. Aquilo que os colonos de então pediam era o binômio de cuja resultante deveria sair a sua prosperidade. Só pediam duas coisas: escolas e estradas, estradas e escolas. (Palmas.) (muito bem!).

Estradas para que o produto do seu trabalho pudesse ser transportado para os mercados de consumo; para terem a certeza e a confiança

de que aquilo que produziam não ficaria em abandono. Pediam estradas afim de que, através delas, se carresse a sua riqueza, produto de seu labor. Pediam escolas, afim de que seus filhos, nascidos no Brasil, que aqui, pela primeira vez, abriram maravilhados os olhos à luz, que é o primeiro amor da vida, procurassem, ao mesmo tempo, harmonizar o seu desdobramento com a natureza que os rodeava mediante a articulação que devia identificá-los no meio em que surgiam. No entanto, a população que prosperava isolada, devido somente ao seu próprio esforço, só tinha uma impressão da existência do governo: era quando este se aproximava dela como algoz para cobrar lhes impostos ou como mendigo para solicitar-lhe o voto. (Muito bem!). (Aplausos prolongados)

O Governo que se aproximava para solicitar votos perdia a respeitabilidade, porque vivia de transigências. E, a troco desses votos não vacilava em desprezar os próprios interesses da nacionalidade. (Palmas)

Hoje, as coisas mudaram. Os próprios partidos políticos, então simples agremiações regionais, sem finalidades nacionais, foram dissolvidos. O Governo já não se aproxima dos colonos para pedir-lhes votos; o Governo tem por eles sentimentos paternais, e que deles só se aproxima para ampará-los, para dar-lhes justiça, para garantir-lhes o trabalho e a tranqüilidade, para desenvolver a sua economia para aumentar a sua riqueza. (Palmas)

Se o Governo dissolveu os partidos políticos porque eram força que encerrava sua atividade nos limites dos Estados, não poderia permitir, também, que elementos estranhos, vindos de fora, procurassem perturbar a tranqüilidade das populações coloniais, tentando arrastá-las e organizá-las para o exercício de atividades contrárias aos interesses da Pátria. Assim como as conveniências da política regionalista não podiam prevalecer, por isso que eram impostas contra a vontade do povo, do mesmo modo os agentes forasteiros não poderiam constranger a população colonial, a qual, por seus interesses, por suas inclinações e pelas tradições de sua vida, é genuinamente brasileira!

Hoje, compreendeis, perfeitamente, o alcance destas medidas. Os países da Europa estão em guerra, e as mais cultas civilizações procuram, mutuamente, se entredestruir. Nós apenas lamentamos esses acontecimentos, mas, de qualquer forma, não tomamos parte nas suas lutas.



Discurso em Frente ao Teatro Carlos Gomes

O Brasil não é inglês nem alemão. É um país soberano que faz respeitar as suas leis e defende os seus interesses. O Brasil é brasileiro. (Aplausos gerais). Agora, esta população, de origem colonial, que há tantos anos exerce sua atividade no seio da nossa terra, constituída de filhos e netos dos primitivos povoadores, é brasileira. Aqui todos são brasileiros, porque nasceram no Brasil, porque aqui receberam a educação.

O Exército nacional também não pode ser indiferente à educação do elemento de procedência estranha. Nos países novos, as forças militares têm uma alta função educadora e nacionalizante. Pelos quartéis passam, todos os anos milhares de jovens que aprendem a servir o Brasil. Por isso, as forças militares estão, com justo título, colaborando eficientemente na grande obra da educação nacional. Mas ser brasileiro, não é somente respeitar as leis do Brasil e acatar as suas autoridades. Ser brasileiro é amar o Brasil. É ter o sentimento que lhes permite dizer: “O Brasil nos deu o pão, mas nós lhe daremos o sangue.” (Aplausos) É ter o sentimento de brasilidade, pela dedicação, pelo afeto, pelo desejo de concorrer para a realização dessa grande obra, na qual todos somos chamados a colaborar, porque só assim poderemos contribuir para a marcha ascensional da propriedade e da grandeza da Pátria. (Muito bem!). (Aplausos).”

Biografia

O Maestro Geyer **

Texto:

*Bráulio Maria
Schloegel **



Arnold Toynbee, grande historiador inglês, recomendava a seus colegas e discípulos, para compreensão de uma época, procurassem se debruçar mais sobre as obras de arte do que documentos escritos.

E isso porque, dizia, as crises e os dramas das sociedades estão incomparavelmente melhor refletidos nas obras de arte. Também achava que os grandes artistas são os únicos profetas confiáveis, e que sempre anteciparam as grandes mudanças históricas. Na avaliação de uma civilização, não há critério mais seguro do que o desenvolvimento da arte.

Nada melhor para fazer uma leitura da história de Blumenau neste século do que a figura de Heinz Geyer, nosso homenageado.

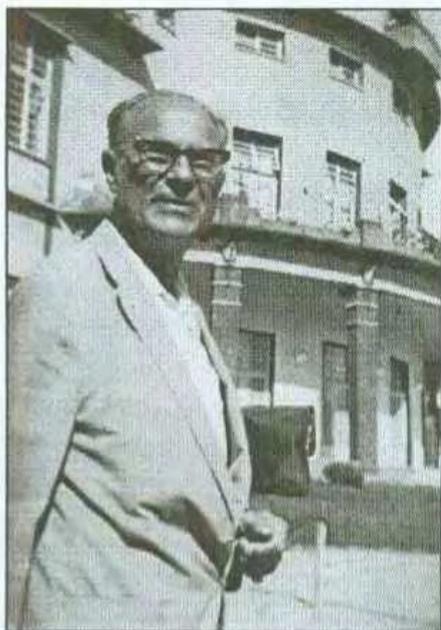
Surge no início da década de 1920, discípulo de Richard Strauss e amigo do pianista Arthur Rubinstein.

Durante todo o tempo em que esteve à frente das lides artísticas da sociedade blumenauense produziu três óperas e inúmeras outras peças para canto. "Anita Garibaldi" estreada em 1950, marcou as comemorações da Centenário de Blumenau. Em 1955, era a vez de "O Imigrante", obra inspirada nas lutas dos primeiros colonos.

Em 1935, assiste o lançamento da pedra fundamental do Teatro Carlos Gomes, sociedade que ajudou nascer, constituída da fusão da Socie-

* Presidente da Fundação Cultural de Blumenau, Vice-presidente da Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes" e Professor da FURB.

** Discurso proferido em homenagem as comemorações do centenário de nascimento do maestro Heinz Geyer no cemitério evangélico Blumenau-centro, 27/06/97.



Maestro Heinz Geyer

nário de nascimento do nosso maestro Heinz Geyer, uma vida dedicada à história musical desta cidade.

dade Frohsinn e Sociedade Liederkrantz.

Em 1939, ano em que eram concluídas as obras do novo teatro, surgia a orquestra e o coro da sociedade, que sob a regência de Heinz Geyer apresentava a primeira ópera montada em Blumenau com artistas locais.

Em 1971 completou 50 anos de atividades, quando a sociedade blumenauense pôde prestar a maior homenagem que recebeu em vida. Por tudo que fez por nossa cidade e região, pela dedicação à cultura musical, em nome da Prefeitura Municipal de Blumenau e da Fundação Cultural de Blumenau, queremos congratular com toda comunidade blumenauense pela passagem do cente-

**Autores
Catarinenses**

- **Érico, o historiador**
- **Mulheres em ação**

Texto:

*ENÉAS
ATHANAZIO**

BLUMENAU
em Cadernos

Érico, o historiador

Costuma causar surpresa a designação de Érico Veríssimo (1905/1975) como historiador, tão ligado está seu nome à condição de ficcionista. Mas a verdade é que fez uma incursão, ao que me consta a única, nos domínios da história, ainda que da história literária, e com o mesmo brilho de suas obras ficcionais.

Em 1943, sentindo-se sufocado pelo Estado Novo, o escritor se mudou com a família para os Estados Unidos. Dessa experiência, resultaram a série de seus livros de viagens, parte deliciosa de sua obra, e um curso de literatura brasileira que ministrou na Universidade da Califórnia, em Berkeley, a convite do Departamento de Estado.

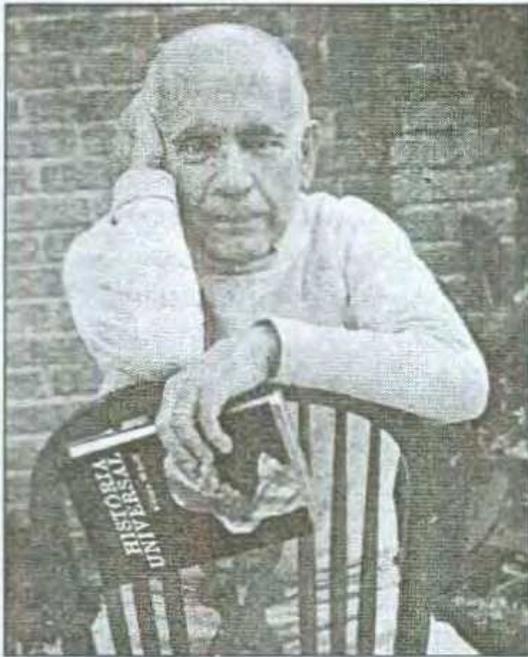
Essas aulas, escritas em inglês, davam uma noção geral e movimentada das nossas letras, desde os princípios, e fizeram o maior sucesso entre os ouvintes. Dois anos mais tarde, com o título de "Brazilian Literature - An Outline", foram reunidas em volume e publicadas pela importante editora The MacMillan Co., de Nova York. E por lá ficou o livro, seguindo sua carreira, sem que o leitor brasileiro a ele tivesse acesso.

Em 1995, com o objetivo de completar as obras do autor, decidiu a Editora Globo resgatar essas lições, traduzindo-as e publicando-as no Brasil com o nome de "Breve História da Literatura Brasileira". Assim, cinquenta anos depois de publicado, o único livro de Érico Veríssimo não escrito em português chegou às mãos de seu público,

*) Escritor e advogado.

integrando a coleção de suas Obras Completas.

Dividido em doze capítulos, o relato começa na célebre carta de Pero Vaz de Caminha e obras de outros estrangeiros sobre o Brasil e vem até a Geração de 45, passando por todos os nomes de expressão e movimentos literários de importância, concluindo num balanço geral dessa colcha de retalhos que é a literatura brasileira contemporânea. Na medida do possível, nada ficou de fora, e o ouvinte ou leitor atento fica com uma visão panorâmica perfeita de nossas letras. Acima de tudo, o grande mérito do livro é a linguagem livre e leve, o movimento e a vivacidade que impõe ao texto, o humor e a graça de quem fala com segurança e naturalidade. Antes do historiador estava o escritor experiente, tornando atrativos os temas abordados, mesmo os mais áridos. Se a história nacional fosse escrita por autores como ele, com certeza teria muito mais leitores.



Érico Veríssimo

Dois catarinenses são estrelas no livro, os poetas Luís Del-fino e Cruz e Sousa. Sobre o "Cisne Negro", escreveu o seguinte: "Cruz e Sousa é considerado nosso poeta simbolista mais importante. Era negro e tinha uma alma sofredora. Os críticos o chamam de 'Cisne Negro' do simbolismo. Em seus versos, mostra uma preocupação quase obsessiva com as palavras como 'obscuro', 'sinistro', 'escuro', 'humildade', 'profundidade' - palavras que sugerem sombra, prisão, coisas submersas, vida subterrânea. Penso que talvez seja uma alusão à cor de sua

pele. E por causa desse horror aos estados de espírito sombrios e subterrâneos ele estava sempre tentando elevar-se às altitudes luminosas. Para ele, o caminho que leva à glória (conta-nos num soneto) é róseo e dourado, todo margeado de roseiras em botão, loureiros e outras plantas igual-

mente ilustres. Todas as almas anseiam por trilhá-lo para chegar ao tesouro fabuloso. E lá vão elas, para cima e para baixo, trêmulas e sonhadoras. Quem são? São os seres virginais vindos da terra, cobertos com o sangue de uma guerra terrível, embriagados com o vinho sinistro ... Como a maioria dos simbolistas, Cruz e Sousa às vezes é quase incompreensível. Mas aquele poeta negro tinha uma sensibilidade excepcional e não raro o espírito de Baudelaire perpassa os seus versos” (págs. 83/84).

Luis Delfino dos Santos, falecido sem obras publicadas, é destacado entre os poetas parnasianos mais representativos.

E por falar em Cruz e Souza, o escritor João do Rio (Paulo Barreto), em inquérito realizado no ano de 1905, mais tarde publicado no livro “O Momento Literário”, entrevistou 37 escritores e poetas da maior expressão na época. Indagados sobre as influências literárias que sofreram, muitos deles indicaram o nosso “Cisne Negro”. É o que relata João Carlos Rodrigues em recente biografia de João do Rio. Como se vê, a presença de Cruz e Sousa se mantém forte de longa data.

Mulheres em Ação

Maria Salete Schwinden Graf e Dorothy de Brito Steil acabam de publicar um livro sobre tema pouco versado por aqui, pelo menos ao que me conste, e creio que por isso quase desconhecido na sua história e embasamento doutrinário. Refiro-me a “Soroptimismo - Mulheres em Ação” (Odorizzi - Blumenau - 1997), no qual as autoras discorrem sobre o movimento soroptimista (soror = irmã + optimist = ótima) internacional, desde sua criação em Oakland (EUA), em 1921, até os dias de hoje, inclusive no Brasil e nesta cidade, onde surgiu em 1961. Acentuando que se trata da “primeira e única agremiação essencialmente constituída por mulheres profissionais e executivas”, mostram como ela se organiza, no mundo e no país, seus objetivos, programas e compromissos, os resultados alcançados e os serviços prestados, a difusão dos clubes pelo mundo e tudo mais que possa despertar a curiosidade sobre a entidade cuja finalidade primordial é servir sem interesse.



**Capa do Livro
"Soroptimismo : Mulheres em Ação"**

A segunda parte repisa os passos do Clube S. I. de Blumenau, desde sua criação, registrando todas as suas diretorias, com as respectivas realizações, congressos, campanhas e festejos realizados, documentos históricos e tudo o mais que respeita ao Clube local e suas conquistas. Bem fundamentado e ilustrado, o livro constitui-se num autêntico manual de soroptimismo para leigos e iniciados. Ele revela as múltiplas realizações do Clube de Blumenau, nem sempre conhecidas do público, e a ação dessas mulheres dinâmicas e sensíveis que o compõem, entre as quais encontrei diversas amigas e colegas de profissão.

*Esta seção que se intitula **DOCUMENTOS ORIGINAIS** visa fornecer aos leitores que compreendem a língua alemã uma oportunidade para exercitar seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, obter uma panorâmica sobre o estilo da linguagem alemã do início do século em Blumenau.*

Aos leitores que não dominam o idioma, oferecemos a tradução do artigo. Com esta fonte documental estamos proporcionando ao pesquisador uma nova informação para a recuperação da História regional e ao mesmo tempo incitar leitores e pesquisadores a investigações mais profundas que o texto possa suscitar.

*Apresentamos, a seguir, um comentário do discurso proferido pelo Deputado Dr. Gustavo Lebon Regis na Assembléia Legislativa do Estado e publicado em outubro de 1917, no Jornal *Mitteilungen*, órgão vinculado à Sociedade das Escolas Alemãs de Santa Catarina.*

DAS SCHULWESEN IM STAATE SANTA CATHARINA

Zur Rede von Dr. Lebon Regis

Von den großen und wichtigen Fragen, die das staatliche Leben S. Catharinas in den letzten Jahren bewegt haben, sind unter der Regierung des verdienstvollen Governadors Dr. Felipe Schmidt zwei gelöst worden, die Indianerfrage und der Grenzstreit. Die dritte Frage, die das Schulwesen betrifft, wird die Gemüter noch länger beschäftigen. Herr Dr. Lebon Regis behandelte sie in seiner großen Rede so ausführlich, daß dieser Abschnitt staats- und schulgeschichtlich von bleibender Bedeutung ist. Die Reform des öffentlichen Unterrichts, die sich seit einigen Jahren vor unseren Augen vollzieht, gilt dem Redner als das wichtigste Mittel der Nationalisierung der fremdbürtigen Bevölkerungsteile.

Die Reform wurde schon unter dem Governador Vidal Ramos begonnen und von dem jetzigen Staatsoberhaupte Dr. Felipe Schmidt mit gleichem Eifer fortgesetzt. Der Mann, der sie seit seiner Berufung im Jahre 1910 kraftvoll, nachdrücklich und geschickt durchführt, ist der paulistaner Professor Orestes Guimarães, dem eine Art von diktatorischer Gewalt im Unterrichtswesen des ganzen Staates verliehen wurde, um es nach dem Vorbilde von S. Paulo umzugestalten. Er ist der Urheber des ganzen jetzigen staatlichen Schulsystems; er ist, zusammen mit seiner Frau, die als Lehrerin ausgebildet ist, der unermüdlich gestaltende und beaufsichtigende Schulmann des Staates. Die Einzelschulen (*escolas isoladas*) wurden und werden durch strengere Aufsicht, die eine gute Leitung verlangt, gehoben; wo es passend ist, werden die Einzelschulen zu "Vereinigten Schulen" (*escolas reunidas*) zusammengeschlossen, wie in Araranguá, Tijucas, S. Bento und unlängst in Brusque. An solchen Schulen sind 4 Lehrkräfte tätig. An größeren Plätzen wurden "Schulgruppen" (*grupos escolares*) gegründet mit 8 Lehrkräften und einem Direktor, in weiträumig gebauten und vorzüglich ausgestatteten Schulhäusern. Der Unterricht in der Schulgruppe ist auf 4 Jahre berechnet; eine Ergänzungsschule (*escola complementar*) führt ihn noch drei Jahre weiter. Wer diese Kurse mit Erfolg durchgemacht hat, kann in den letzten Jahreskurs der Normalschule in der Hauptstadt eintreten und

Blumenau, outubro de 1917.

O ENSINO ESCOLAR EM SANTA CATARINA

Comentário sobre o discurso do Dr. Lebon Regis

Das questões mais importantes que movimentaram a vida pública do Estado nos últimos anos, duas foram resolvidas sob a administração do Governador, de mérito incontestável, Dr. Felipe Schmidt, a questão indígena e a disputa de fronteira. A terceira questão, que se refere à realidade escolar, durante algum tempo ainda manterá os ânimos ocupados. Em seu discurso, o Sr. Dr. Lebon Regis tratou esta questão minuciosamente e este capítulo da história estadual e escolar será de significado permanente. Para o orador, a reforma do ensino público que há alguns anos se desenrola diante de nossos olhos, é o meio mais importante de nacionalização da população de origem estrangeira.

A reforma teve início no governo de Vidal Ramos e agora está sendo conduzida com entusiasmo pelo Governador Dr. Felipe Schmidt. O professor paulista Orestes Guimarães, após sua nomeação em 1910, foi o homem designado para realizá-la, e recebeu pleno poder de todo estado, quase que ditatorial, para igualá-lo ao ensino de São Paulo. É ele o idealizador do atual sistema de ensino no Estado, junto com sua esposa, também professora formada, sendo incansável supervisor nesta tarefa. As Escolas Isoladas tiveram o conceito elevado sob vigilância austera. Sempre que possível as Escolas Isoladas passarão a Escolas Reunidas como em Araranguá, Tijucas, S. Bento do Sul e recentemente em Brusque. Nestas escolas atuam 4 professores. Em lugares maiores foram fundados Grupos Escolares com 8 professores e 1 diretor, em amplos estabelecimentos com salas muito bem equipadas. Foi estipulado para 4 anos o ensino no Grupo Escolar e 3 para a Escola Complementar. Aquele que concluiu estes cursos com sucesso pode ingressar no último ano da Escola Normal da Capital, onde também é ministrado psicologia e pedagogia, e após receber o diploma terá o direito de exercer o magistério.

durch das Abgangszeugnis dort, wo auch Psychologie und Pädagogik gelehrt wird, die Berechtigung zum Lehrdienst erwerben.

An der Normalschule ist das Deutsche ein Pfliehtfach. Hierüber hat sich ein großes Geschrei erhoben; man schmiedete daraus die Anklage, daß S. Catharina der Germanisierung verfallen sei. Ja, der Direktor des staatlichen Unterrichtswesens, Herr Horazio Nunes, war erst selbst gegen diese Anordnung des Schulinspektors Orestes Guimarães. Aber der letztere wies in einem Berichte darauf hin, daß die Regierungslehrer an Schulen, die im Gebiete der Deutschen Kolonien liegen, ganz notwendig Deutsch können müßten, da sie sich sonst gar nicht mit den ABC-Schützen verständigen könnten. Darum seien früher die Regierungsschulen in Joinville, S. Bento, Blumenau von deutschbürtigen Kindern so gut wie nicht besucht worden. Als er aber während seiner Tätigkeit am Municipal-Kolleg von Joinville von 1907 bis 1909 neben allgemeiner Verbesserung des Unterrichts auch Deutsch in den Lehrplan aufgenommen habe, sei das Kolleg zu mehr als zwei Dritteln von deutschbürtigen Kindern besucht worden. Das habe angehalten, als das Kolleg in die Schulgruppe "Conselheiro Mafra" umgewandelt worden sei, wo mehr als die Hälfte der 200 Schüler deutschen Ursprungs sei, weil er an dem Grundsatz festgehalten habe, daß auch deutscher Unterricht erteilt werde, den er dann als Oberschulinspektor auf alle Staatschulen im deutschen Koloniegebiete ausgedehnt habe. Im übrigen handle es sich hier nicht um ein neues Verfahren, sondern nur um die Nachahmung von Vorgängen an anderen Stellen, die als Beispiele dienen können. So erzählte der Direktor des staatlichen Unterrichtswesens in S. Paulo, der aus Nordamerika berufene Dr. Oskar Tompson in seinem 1907 erschienenen Buche: "Der Fremde und die öffentliche Schule", ein bezeichnendes Beispiel aus dem Amtsleben des Sir William Harris, des Direktors des Erziehungsdienstes in den Ver. Staaten. Harris war Schulinspektor in St. Louis, wo die Mehrheit der Bevölkerung damals aus Deutschen bestand, die ein gut eingerichtetes deutsches Privatschulwesen hatten, das den öffentlichen Schulen in vielen Punkten überlegen war. Da galt es also für den Demokraten Harris, nicht die Mehrheit zu achten, sondern sich ungesäumt

Na Escola Normal o alemão é matéria obrigatória. A respeito disso levantou-se grande polêmica, sendo S. Catarina acusada de incorrer na germanização. Realmente a princípio o Diretor do Ensino Estadual, Sr. Horacio Nunes, foi contrário a esta decisão do Supervisor Orestes Guimarães. Mas o último demonstrou num relatório a necessidade de que os professores estaduais, cujas escolas se situavam em regiões de colônias alemãs, teriam que saber o alemão, pois caso contrário seria impossível comunicar-se com os iniciantes da alfabetização. Por esta razão antigamente as escolas estaduais praticamente não eram freqüentadas por descendentes de alemães, como aconteceu em Joinville, S. Bento do Sul e Blumenau. Mas durante a sua atividade no Colégio Municipal de Joinville de 1907-1909, além da melhoria do ensino, incluiu no currículo escolar o idioma alemão, e então o colégio começou a ser freqüentado por mais de dois terços de alunos de ascendência alemã. Isto perdurou quando o Colégio foi transformado em Grupo Escolar "Conselheiro Mafra", onde mais da metade dos 200 alunos eram de origem alemã, isto porque manteve seu princípio de que o idioma alemão deveria permanecer no currículo, e como Inspetor das Escolas Estaduais estendeu esta determinação a todas escolas nas colônias alemãs. Em verdade não se trata de um novo método, mas simplesmente em usar o modelo de outros lugares que obtiveram sucesso. Assim descreve o Diretor do ensino estadual em São Paulo, Dr. Oskar Tompson, contratado da América do Norte, em seu livro publicado em 1907: "O Estrangeiro e as Escolas Públicas", exemplo expressivo da vida administrativa de Sir Williams Harris, diretor do ensino nos Estados Unidos. Harris foi inspetor escolar em St. Louis, onde a maioria da população era de alemães e que tinham um sistema de escola particular alemã bem organizada, que sob certos aspectos era superior ao ensino público. Portanto, para o democrata Harris, não se tratava em dar atenção à maioria, mas sem perda de tempo iniciar a americanização da juventude alemã, isto significa torná-los mais ingleses. Ele conseguiu a aprovação de uma lei no Congresso que incluía como matéria obrigatória o inglês em todas escolas estrangeiras e as de curso superior. Assim aconteceu e o inspetor e seus auxiliares ficaram atentos para que esta lei fosse rigorosamente respeitada por todas estas escolas. Mas o esperado

ans Werk der Amerikanisierung der deutsch heranwachsenden Jugend zu machen, d. h. sie zu englisieren. Er erreichte beim Kongress ein Gesetz, das dem Unterricht im Englischen an allen fremden Schulen und höheren Unterrichtsanstalten pflichtmäßig machte. Es geschah, und der Schulinspektor paßte mit seinen Gehilfen scharf auf, daß das Gesetz an den betreffenden Schulen auch eingehalten wurde. Aber der angestrebte Erfolg blieb aus; der Geist der Erziehung blieb deutsch. Harris überlegte und griff zu einem andern Mittel: Er ließ neben jeder deutschen Schule eine amerikanische (d. h. also englische) Schule errichten, gut ausstatten und tüchtig arbeiten. Aber immer war das Ergebnis nicht befriedigend. Harris änderte die Taktik noch einmal. Die Lehrer der Regierungsschulen in den deutschen Vierteln mußten Deutsch lernen und auch im Deutschen unterrichten. Jetzt war das Ziel erreicht. Die Deutschen sahen, daß ihre Kinder auch in der Regierungsschule Deutsch lernen konnten, und ließen ihre eingehen. Die schwierige Schul- und Sprachenfrage war gelöst zu Ehren und Vorteil des amerikanischen Patriotismus ohne Verletzung der Fremden.

Man stelle nun gegenüber, zwar Kleines gegen Großes aber bezeichnend ist es doch: In der Stadt St. Louis werden über 200 Neger grausam hingemordet und unzählige schwer und leicht verwundet von weißen Menchen, für deren Erziehung in der Jugend der obengenannte Herr Harris verantwortlich ist, der sich soviel Kopfzerbrechen wegen der deutschen Schulen machte und offenbar so wenig über den Tiefstand der Moral der echtamerikanischen Jugend seiner Stadt.

In Hammonia sitzt der Schwarze, der ehemalige Sklave, der Arbeiter mit dem Schulinspektor an einem Tische, ist ein Freund und Bekannter der ganzen Schuljugend und hat ein ehrend-großes Leichengefolge bei der Beerdigung, aber freilich eine deutsche Leichenrede. Wo ging es amerikanischer, humaner, demokratischer zu, in St. Louis oder in Hammonia? Der schwarze Anton war ein Brasilianer, ein Mann aus dem Volke, der Vertreter einer Rasse, die in Brasilien nach Millionen zählt und den Reichtum des Landes bei eigener Armut begründet hat. Sein letzter Ausruf war: "Deutschland soll siegen; es lebe Deutschland!" Anton hatte nie eine Schule besucht. Man sieht, daß man zu gesunden,

sucesso não aconteceu, o espírito do ensino continuou sendo alemão. Harris refletiu e empregou outro meio: mandou erguer ao lado de cada escola alemã uma escola americana (quer dizer inglesa) bem equipada e com bom trabalho. Mas ainda assim o resultado não era satisfatório.

Harris mais uma vez mudou de tática. Os professores das escolas do governo em bairros alemães, tiveram que aprender e também lecionar em alemão. O objetivo foi alcançado. Os alemães perceberam que seus filhos podiam aprender o alemão em escolas do governo e deixaram que suas escolas dispendiosas desaparecessem. A difícil questão, escola e idioma, estava solucionada de modo honroso em benefício do patriotismo americano sem ofender os estrangeiros.

Mas agora se contrapõe uma questão menor a outra mais importante digna de menção. Em St. Louis são mortos cruelmente 200 negros e inúmeros gravemente feridos por brancos, pelos quais o Sr. Harris foi responsável na educação. Ele que teve tantas dores de cabeça por causa das escolas alemãs e ao que parece pouco se importou com a conduta moral da juventude americana de sua cidade.

Em Hammônia, o negro, o antigo escravo, o trabalhador, está sentado à mesa com o inspetor escolar. Ele é amigo e conhecido de toda juventude, e tem um acompanhamento honroso em seu enterro, sendo a prédica realizada em alemão. Aonde se agia mais com mais humanidade e à maneira democrática americana, em St. Louis ou em Hammônia? O negro Anton era brasileiro, um homem do povo, representante de uma raça da qual existem milhões no Brasil, cuja riqueza está fundamentada sobre sua miséria. Sua última exclamação foi: "Que a Alemanha vença, viva a Alemanha". Anton nunca frequentou uma escola. Vê-se, que mesmo sem escola, pode-se ter uma visão sadia. A escola não faz tudo, sobre isto ainda falaremos adiante, mas pode fazer muito. Por isto teria desejado que o Sr. Orestes Guimarães e Vidal Ramos tivessem se influenciado menos pelo ponto de vista nacionalista do Sr. Harris, e sim mais pelo lado humano, então teriam iniciado a reforma escolar onde se fazia mais necessário: na região serrana, que mais tarde seria a região do Contestado. Desse modo teriam preservado sua pátria de derramamento de sangue

richtigen Anschauungen auch ohne Schule kommen kann. Die Schule macht nicht alles; darauf kommen wir später noch zu reden, aber die Schule kann viel tun. Darum hätte ich auch gewünscht, die Herren Orestes Guimarães und Vidal Ramos hätten sich zunächst weniger von den nationalistischen Gesichtspunkten des Herrn Harris leiten lassen, als von allgemein menschlichen; dann hätten sie mit ihrer Reformarbeit im Schulwesen zuerst dort eingesetzt, wo es am nötigsten war, auf dem Hochlande, im späteren Fanatikergebiete; sie würden ihrem Vaterland viel Gut und Blut erspart und trotzdem auf der atlantischen Seite des Staates nichts Wesentliches versäumt haben.

Hier nur kurz die wichtigsten Angaben über den gegenwärtigen Stand des Schulwesen in Santa Catharina. Sie stehen ausführlich sowohl in der Rede des Herrn Dr. Lebon Regis wie in der unlängst erschienenen Botschaft des Governadors, aus der die Ausführungen über die Schulen in den Mitteilungen des Deutschen Schulvereins (nr. 8/9) nachgelesen werden können. 1916 bestanden im Staate 687 Schulen, von denen 253 staatlich, 152 municipal, 5 Bundes und 277 private Schulen waren, in denen zusammen 28841 Schüler untergebracht wurden. Hierfür wurden ausgegeben 531:387\$ ohne die Kosten für Neubauten und Ausbesserungen. Das sind über 20 Prozent der Staatsausgaben; im Jahre 1905 betrug die Ausgabe für Schulen nur 155:000\$. Der jetzige Governador kann daher mit Recht sagen: "Dem öffentlichen Unterrichte widmet die Staatsregierung andauernd ihre besten Kräfte, da sie davon überzeugt ist, daß sie damit ein Werk höchster Vaterlandsliebe vollbringt. Als vollständig verstaatlichte Einrichtung und den modernen Fortschritten der Erziehungslehre angepaßt, erfreut sich das Volksschulwesen einer Organisation und einer Entwicklung, die uns mit berechtigtem Stolze erfüllt".

Nach der Bundesstatistik für 1916 besitzt S. Catharina im Verhältnis zur Kopfzahl die größte Zahl Schulen von allen Bundesstaaten, nämlich auf 770 Personen (die Hansa eine Schule auf 250 Deutschsprechenden!), während es Staaten gibt in denen auf eine Schule die dreifache Anzahl von Seelen kommt.

Das Große, was bisher geschehen ist, will nun der Governador folgerichtig weiterbauen und zwei weitere wichtige Fragen lösen: 1) Es

e perda de bens e não ter-se-ia perdido nada de importante no leste catarinense.

Aqui apenas algumas considerações sobre a situação do atual sistema escolar em S. Catarina. Tanto se encontram no detalhado discurso do Sr. Dr. Lebon Regis, como na recente mensagem do Governador, onde pode-se encontrar o comunicado sobre a execução do plano escolar na associação das escolas alemãs (nr.8-9). Em 1916 existiam no Estado 687 escolas das quais 253 estaduais, 152 municipais, 5 da União e 277 particulares, somando no total 28.841 alunos. Para isto foram gastos 531.387#, não contando os gastos para novas construções e melhorias. Isto são mais de 20% dos gastos do Estado. Em 1905 os gastos com escolas foram apenas de 155.000#. Por isto, o atual Governador tem o direito em afirmar: O Governo do Estado se empenha continuamente para com o ensino público e está convicto de assim executar uma obra de caráter patriótico. Sendo uma instituição governamental e adequado ao desenvolvimento de um ensino moderno, regozija-se o ensino público com uma organização e um progresso que justificadamente nos enche de orgulho.

De acordo com a estatística federal de 1916, dentre os Estados da União, Santa Catarina possui o maior número de escolas per capita, para 770 pessoas, (em Hansa há uma escola para 250 alunos que falam alemão), enquanto em outros Estados há escolas onde existem três vezes mais alunos para cada.

O Governador quer continuar a construir a partir das questões mais importantes já realizadas e, gradativamente resolver duas questões de destaque: 1) O ensino em português será obrigatório em todas escolas e adaptado ao programa escolar estadual. 2) Deverá ser afastada a tensão e em alguns casos até inimizade declarada entre as escolas particulares, principalmente nas de confissões diferentes e das escolas públicas. O Governador se propôs a reconciliar as partes divergentes e propõe que todas as crianças freqüentem as escolas públicas e que os dirigentes religiosos ministrem as aulas de religião fora do horário escolar .

A regulamentação do ensino particular é uma necessidade , que requer urgência. A escola particular, que quiser sobreviver sob estas circunstâncias, terá que adaptar-se, não apenas educacionalmente, mas

soll der Unterricht der Landessprache in allen Schulen pflichtgemäß (obligatorisch) und an das staatliche Schulprogramm angepaßt werden.²⁾ Es soll die Spannung, ja mitunter offene Feindschaft zwischen den privaten, besonders konfessionellen und den staatlichen Schulen beseitigt werden. Der Governador hat sich vorgenommen, widerstrebenden Interessen mit einander in Einklang zu bringen, und macht dazu den Vorschlag, daß alle Kinder die staatliche Schulen besuchen sollen, und daß die Geistlichen außerhalb der Schulzeit gesonderten Religionsunterricht geben möchten.

“Die Regelung des Privatunterrichts ist eine Notwendigkeit sittlicher Art, bei der größte Eile not tut”.

Die Privatschule, die sich unter diesen Umständen erhalten will, muß sich nicht bloss erziehlich und schulisch als ebenbürtig, ja überlegen der Staatsschule erweisen, sie muß auch ihr Daseinsrecht sittlich begründen. Das führt zu einer grundsätzlichen Erörterung aller um die Schule gruppierten Verhältnisse und Fragen von persönlicher und familiärer Freiheit, vom Recht der Mehrheit und Minderheit, von Staatsallmacht und Individualität, von Vaterlandsliebe und Staatstreue, von Volkstum und Sprache, von Staat und Kirche, von Schul- und Erziehungsideal, welcher Auseinandersetzung ein letzter Abschnitt gewidmet werden soll.

S. Catharina, schon durch die Indianerfrage und den Grenzstreit der Schauplatz wichtiger Fragen und Verhandlungen, bleibt durch seine Schulpolitik, die der Nachbarstaat Rio Grande do Sul bei ähnlichen Verhältnissen lange nicht so scharf treibt, noch lange im Vordergrund des Interesses, ja die hier gefundene Lösung der vorhandenen Spannungen wird grundsätzliche Bedeutung in der Geschichte des Verhältnis von Staat, Kirche, Familie und Person haben trotz der geringen, im Volks- und Weltganzen verschwindenden Ziffern, um die es sich hier handelt.

Blumenau, im Oktober 1917.

superar as escolas públicas para justificar sua existência. Isto leva a uma profunda análise de todas as situações e questões que envolvem a escola, seja pessoal ou de ordem familiar, do direito da maioria e minoria, do direito do Estado e da individualidade, do amor à pátria e fidelidade para com o Estado, do caráter popular e idioma, do Estado e igreja, do ideal escolar e educacional, e é a isto que dedicamos o último parágrafo.

S. Catarina é cenário de importantes questões e debates pela questão indígena e disputa de limites. Por sua política escolar continuará sendo destaque, pois no estado vizinho, Rio Grande do Sul, embora prioridade, esta questão não é conduzida com tanto rigor, se bem que as circunstâncias sejam semelhantes. Apesar dos números serem insignificantes no contexto mundial, a solução aqui encontrada para as tensões existentes, das quais estamos tratando, será expressiva no relacionamento entre Estado, escola, igreja, família e indivíduo.

Verbetes para a História Catarinense

Karl Fouquet Blumenauense na Bibliografia Brasileira

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ**



Chamado Karl Fouquet, na administração do batismo, foi e ficou conceituado, nas letras brasileiras, no setor de História do Brasil, pelo nome literário C. Fouquet e também Carlos Fouquet. Nasceu a 09.09 de 1897 e faleceu em 19.06.1980. Filho do consórcio de Eugen Fouquet e Anna Fouquet (esta da árvore genealógica dos Beims), viveu Carlos Fouquet usando competência discernimento e interesse pragmático. Escritor profissional ativo e ativado usou as suficiências que lhe deu o doutorado, de maneira simples para ele e simpática para nós: foi filólogo descomplexado, claro e confiável. Estive ontem no grupo dos seus leitores assíduos e permaneço influenciado nos seus conhecimentos sobre o brasileiro de origem teutônica; estudou nas universidades de Munique, Marburg e Hamburgo; ensinou alemão e como aluno contou com o celebrado Dr. Eurípes Zerbine (antes que esse fosse a celebridade da Cardiologia americana); fundou e dirigiu o "Colégio Visconde de Porto Seguro"; foi alvo de referências entre historiadores e genealogistas pelos textos que escreveu ou nas atividades que dia a dia praticou. E ninguém o viu além do natural jeito comunicativo e fraterno.

Vem aparecer, na inteligência brasileira, com sensibilidade específica, no funcionamento do Instituto "Hans Staden" (fundado em São Paulo, SP, em 1938) - Daí para frente assume ser por adjetivação dos interessados, o consultor ímpar sobre matéria relacionada com os alemães e descendentes deles, no mundo Brasil.

*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras.

Insatisfeito nas frentes intelectuais criou e fez funcionar a “Fundação Martius (1951). E naquele espaço físico para Literatura Arte e Pesquisa científica, foi encontrado sempre disposto e atualizado. Nos tantos fazeres e quefazeres operários a realização de centro de informação concretizado como Biblioteca especializada em livros alemães e brasileiros; e por quê era de pesquisar, ler e escrever sobre História e Genealogia, foi sua a iniciativa da existência de “Arquivo de Imigrantes Alemães no Brasil”.



Karl Fouquet

Claro se vê que viveu em lugar certo e próprio do Intercâmbio Cultural Brasil - Alemanha, mas não se tem notícia que tivesse feito uso de publicidade para elevar-se destacado ou alcançar o uso de máscara política: foi intelectual puro. Não apareceu iluminado na ribalta financiada, nem usou a inteligência para exaltar-se.

É blumenauense lembrado por poucos (poucos muitos poucos) e até esquecido da intelectualidade catarina. Dir-se-ia que sua imortalidade é conferida pela vida na Bibliografia brasileira. Diz de sua existência de Homem de letras que foi essa a ambição pretendida por ele: a sua intelectualidade é modelo.

2. Da sua bibliografia apenas dois títulos

Recai a escolher estes, no instituto “Hans Staden” o interessado colherá todos. Este “O Cerco de Iguaraçu 1549”- Determinação de uma data histórica e um subídio para a formação de lendas”(1943) - Quantas vezes reli as 32 páginas deste volume, não tenho conta. Diferente não me acontece com “Vida e Obra do Dr. Blumenau” in livro: Centenário de Blumenau 1850 - de setembro de 1950 (Organizado por frei Ernesto

Emmendoerfer, O.F.M.) Ao meu ver sem competência de crítico literário porém de leitor sem cansaço e de exigente interesse pelos catarinensismos: as páginas de Carlos Fouquet sobre o povoador maior da geografia dos Itajaís, satisfazem pelas suficiências.

2.1 . O primeiro título relaciona encadeadamente, informações obrigatórias para quem queira saber sobre as raízes identificadoras do atual estado de Pernambuco. A matéria é tratada também por outros autores e F. A. Ferreira da Costa, no v. 1., dos "Anais Pernambucanos" lhe dá registro.

Detalhe nas páginas de Carlos Fouquet, exalta o interesse catarina. Nelas é encontrado de corpo inteiro o artilheiro alemão (nascido em Homberg, no território de Hesse) mui referido por causa do seu "Wahrhaftige História", Hans Staden, e que para a gente catarina e simpático, exatamente, por ter convivido com o Carijó. E também ter vagabundado como foi e é natural ao aventureiro, e principalmente, quando é anotador do que vê para escrever. Hans Staden andou pela ilha de Santa Catarina. Quando um dia homenagearam o Carijó, na capital de todos os catarinas, de certo, no conjunto artístico figurar o germânico amigo da gente carijoara.



A Ilha e o porto de Santa Catarina, com a aldeia de Cutia à direita, e no continente em frente à ilha, uma cruz encontrada pelos navegantes

2.2 . O segundo título é peça bibliográfica de focagem de quem foi conhecido sendo Hermann Bruno Otto Blumenau. Nela não é usado o verniz apologético. Até o momento deste junho de 1997, em língua portuguesa não existe ensaio que supere no estilo, na redação e na riqueza de informações. Nas letras catarinenses outro colonizador não o superou

quanto ao sucesso que alcançou. Explica-se que este dizer: nas letras, deve ser entendido pelo escrito em páginas da História da colonização alemã no Brasil.

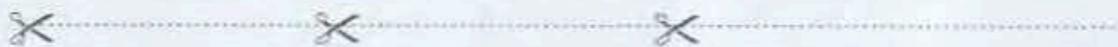
Colonizador como Dr. Blumenau, instituindo-se e instrumentando-a na iniciativa privada, vetado pelo capitalismo bremense e hamburguês; e mais ainda alcançando pelas restrições discriminatórias por que assumia ser de confissão luterana, não existiu na relação dos bem sucedidos: veja-se que a colônia particular que organizou e dirigiu é o atual município chamado Blumenau. daí ser o ensaio de Carlos Fouquet, o conteúdo literário confiável; este informa sobre o Homem, a Vida e o calidoscópio construtor da criatura humana sobre pressões diversas. Avalie-se que é o blumenauense Fouquet (portador de avançados estudos universitários) quem diz por conclusão analítica ou dedutiva: "Toda severidade do colonizador frutificou em organização para o município instalado em 1883: (Cf. o livro do Centenário antes mencionado).

Este blumenauense que quando setembro chegar terá cem anos contados do dia em que nasceu, é o doutor em Filologia de realizada vida intelectual em São Paulo, SP., com atividade e destaque nas áreas de História e de Genealogia; fôssemos avaliá-lo como co-autor com Salvador Moya, no título "Famílias Brasileiras de Origem Gemânica" já lhe conferiríamos prestador de serviço, intelectualmente, relevante: é contribuinte para a identidade cultural, a preservação dos europeus imigrados cozidos no processo de abasileiramento. - Não esqueçamos Dr. Karl Fouquet quando completar um século que nasceu.

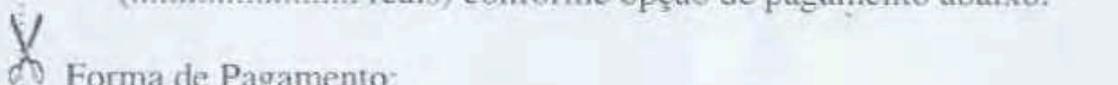
Nota: O autor agradecido diz que mereceu a colaboração das senhoras Annemarie Fouquet Schünke e de Brigitte Fouquet Rosenbrock.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura Nova: R\$ 30,00 (anual=12 números)
-) Renovação Assinatura: R\$ 20,00 (anual=12 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 40,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



- Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1997 (Tomo 38). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de Pagamento:

- Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
- Cheque
- Banco:
- Número:
- Valor: R\$
- Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____



Assinatura

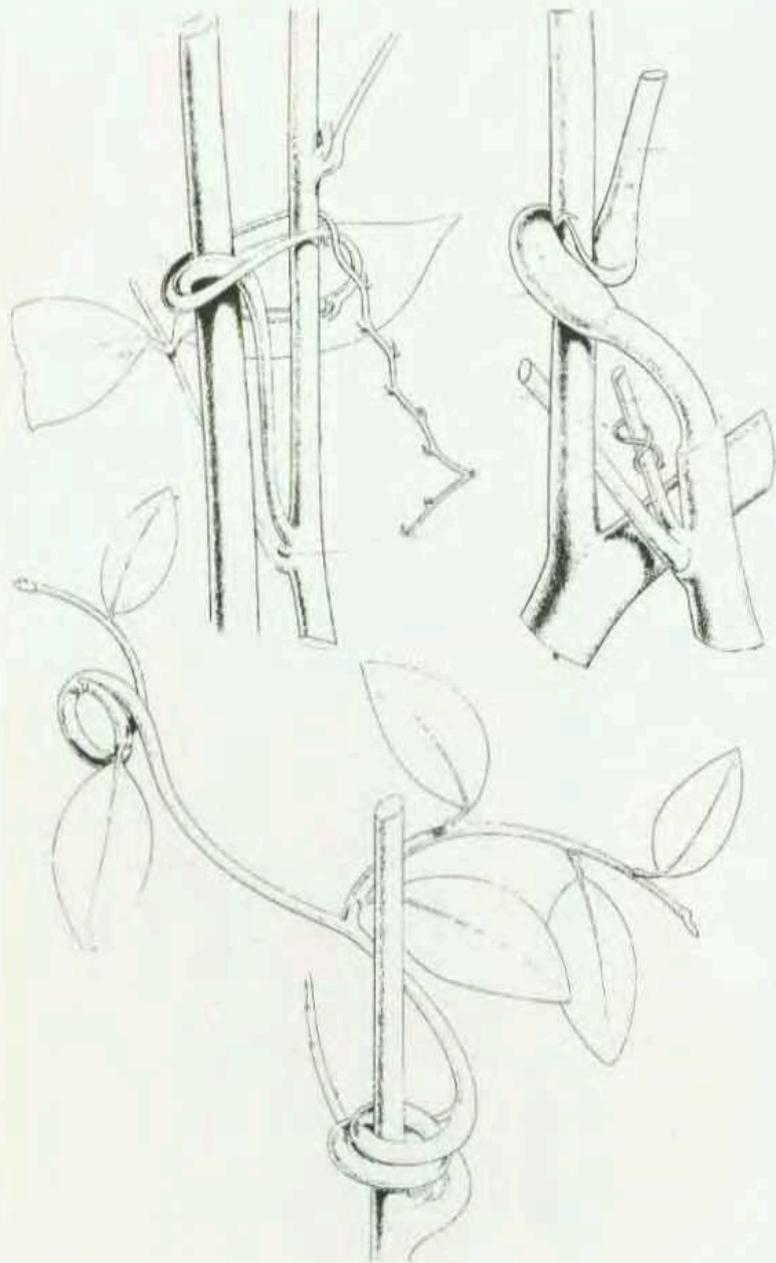
Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamim Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engpron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Deeke
- Padre Antonio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda



À HERMANN MÜLLER

...há poucos dias lhe enviei um artigo sobre trepadeiras escrito por seu irmão, quando então soube, pela primeira vez, que Fritz Müller era seu irmão. Eu tenho o maior respeito por ele como um dos mais hábeis naturalistas vivo, e ele tem me ajudado de muitas maneiras com extraordinária amabilidade."

Segundo nota de Francis Darwin no rodapé da carta de Darwin a Fritz Müller datada de 4 de março de 1879.